

PREVENÇÃO AO USO DE DROGAS

Conceitos e Possibilidades



Projeto financiado
pela União Europeia



Projeto executado
pela CNM



REINSERIR

PROJETO DE INTEGRAÇÃO LOCAL
PARA REINserÇÃO SOCIAL DO USUÁRIO DE DROGAS

www.reinserir.cnm.org.br



© 2016. Todos os direitos reservados à Confederação Nacional de Municípios - CNM

Esta publicação é uma realização da CNM com o apoio da Delegação da União Europeia no Brasil. O conteúdo desta obra é de responsabilidade única da CNM e não reflete necessariamente a visão da União Europeia.



Esta obra é disponibilizada nos termos da Licença Creative Commons: Atribuição - Uso não comercial - Compartilhamento pela mesma licença 4.0 Internacional. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte. A reprodução não autorizada para fins comerciais constitui violação dos direitos autorais, conforme a Lei 9.610/1998.

As publicações da Confederação Nacional de Municípios - CNM podem ser acessadas na íntegra, na biblioteca online do Portal CNM: www.cnm.org.br

Realização

Confederação Nacional de Municípios – CNM

Apoio

Delegação da União Europeia no Brasil

Presidente da CNM

Paulo Ziulkoski

Diretor-Executivo

Gustavo Cezário

Coordenação do Projeto

Eduardo Stranz

Rosângela da Silva Ribeiro

Assistente de Projeto

Camila Pacífico

Poliana Dantas da Nóbrega

Assessoria Internacional

Tatiane de Jesus

Elaboração

Mariana Boff Barreto

Rosângela da Silva Ribeiro

Revisão de Texto

Keila Mariana de A. O. Pacheco

Projeto Gráfico e Diagramação

Sarah Buogo

Ficha Catalográfica

Confederação Nacional de Municípios – CNM

Prevenção ao uso de drogas: conceitos e possibilidades – Brasília: CNM, 2016

[36 p.]

ISBN 978-85-8418-049-3

Palavras-chave: 1. Prevenção. 2. Redes sociais. 3. Uso de Drogas



SCRS 505, Bloco C, Lote 1 - 3º andar - Asa Sul - Brasília/DF - CEP 70350-530

(61) 2101-6000 - Fax: (61) 2101-6008

atendimento@cnm.org.br | www.cnm.org.br

DIRETORIA CNM – 2015-2018

Presidente	Paulo Roberto Ziulkoski
1º Vice-Presidente	Glademir Aroldi
1º Secretário	Eduardo Gonçalves Tabosa Júnior
2º Secretário	Marcelo Beltrão Siqueira
1º Tesoureiro	Hugo Lembeck
2º Tesoureiro	Valdecir Luiz Colle
Conselho Fiscal – Titular	Mário Alves da Costa
Conselho Fiscal – Titular	Exedito José do Nascimento
Conselho Fiscal – Titular	Dalton Perim
Conselho Fiscal – 2º Suplente	Cleudes Bernardes da Costa
Conselho Fiscal – 3º Suplente	Djalma Carneiro Rios
Região Sul – Titular	Seger Luiz Menegaz
Região Sudeste – Titular	Elder Cássio de Souza Oliva
Região Sudeste – Suplente	Jurandir Barbosa de Moraes
Região Nordeste – Titular	Maria Quitéria Mendes de Jesus
Região Nordeste – Suplente	Gilliano Fred Nascimento Cutrim
Região Centro-Oeste – Titular	Divino Alexandre da Silva

SUMÁRIO



CARTA DO PRESIDENTE	7
INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1: Tipos de Prevenção	10
Níveis de Prevenção	14
O uso de drogas: fatores de risco e proteção	15
Grupos Específicos	17
CAPÍTULO 2: Prevenção ao uso de drogas e redes sociais	18
Prevenção ao uso de drogas	18
Redes Sociais	21
O uso de drogas na adolescência: fatores de risco e proteção	22
A comunidade na prevenção ao uso de drogas	24
CAPÍTULO 3: Prevenção ao uso de drogas nas escolas	28
Podemos ter uma escola sem drogas?	30
CONCLUSÃO	32
BIBLIOGRAFIA.....	34

CARTA DO PRESIDENTE



A questão do uso do crack e de outras drogas, realidade que vem afetando todos os segmentos da sociedade e que traz uma larga variedade de consequências negativas, se apresenta como mais um desafio para a gestão municipal.

Estratégias específicas estão sendo desenvolvidas pelos gestores municipais. Em sua maioria, elas contam com recursos próprios – os quais têm se mostrado insuficiente para atender a uma situação crescente. Diante desses fatos, a Confederação Nacional de Municípios (CNM), em parceria com a União Europeia, começou a desenvolver uma iniciativa extremamente significativa no Brasil: trabalhar a intersetorialidade para a reinserção social dos dependentes químicos.

O Projeto Reinsereir – Integração Local para a Reinsereção Social do Usuário de Drogas visa à estruturação de ações que facilitem um diálogo entre as autoridades locais e a sociedade civil, contribuindo para a prevenção ao uso de drogas e a reinsereção socioeconômica de dependentes químicos em situação de vulnerabilidade e risco social.

Os Municípios da 4ª Região Geoadministrativa do Estado da Paraíba aceitaram o desafio de trabalhar essa temática juntamente com a CNM. Nossa expectativa é de que o trabalho em conjunto nos permita alcançar resultados positivos diante desse problema que tanto preocupa nossa sociedade.

Paulo Ziulkoski
Presidente da CNM

INTRODUÇÃO



Uma perspectiva técnica nos aponta a prevenção como uma possibilidade na redução do consumo de drogas, por meio de ações que forneçam informações que estimulem a educação de crianças, jovens, adultos e idosos, qualquer pessoa em qualquer fase de sua vida.

É nesse sentido que apresentamos este material, a fim de estimular o debate a respeito da importância das redes sociais na prevenção ao uso de drogas, bem como a participação da comunidade e da escola.

Para desenvolvermos boas ações, aquelas que contemplam as questões sociais de forma mais ampla possível, atendendo às reais demandas da comunidade, precisamos de parceiros, precisamos trabalhar em rede.

E diante do desafio de ofertar prevenção, tratamento e reinserção, no tocante a dependência química, incentivamos os gestores municipais a trabalhar com o que lhe é mais viável e, assim, minimizar as demandas de alta complexidade.

Este material tem como objetivo iniciar um trabalho de ressignificação da visão que temos em relação a prevenção ao uso de drogas, um debate que não se esgota e que deve sempre se renovar e acompanhar a dinâmica da sociedade.

CAPÍTULO 1

Tipos de Prevenção



Na tentativa de minimizar as inúmeras consequências causadas pelo uso abusivo de drogas, foram criados diferentes programas por todo o mundo. Tais programas mudam bastante no que diz respeito a metodologias, ideologias e objetivos.

Dentro da perspectiva de trazer alguns deles para o Brasil, debate-se a aplicabilidade de um programa que vem pronto, pois nossas realidades dentro de um país de proporções continentais variam muito, e adaptações podem ser necessárias.

Portanto, é pouco provável que exista um programa que atingirá todos os indivíduos; desta forma, antes de iniciar um projeto, programa ou ação, é de primordial importância estabelecer quem são as populações-alvo, no intuito de saber as realidades destes grupos.

Sendo assim, torna-se indispensável determinar quais são as metas e os objetivos a serem alcançados, levando em consideração as reais chances de concretizá-los, sem alimentar expectativas demasiadas, evitando frustrações, o que pode comprometer o desenvolvimento do programa.

Quando você determinar quais as populações-alvo, levando em conta suas particularidades e carências, os objetivos e metas podem ser traçados. Aí, então, um dos três tipos de prevenção deve ser aplicado, conforme a necessidade:

Prevenção primária

São atos que propõem a diminuição da ocorrência de determinada patologia nos cidadãos, minimizando a possibilidade de que novos casos ocorram, ou seja, almeja diminuir a incidência, prevenindo o uso de drogas antes que ele se inicie.



Público-alvo

Jovens: a ideia é destacar ações como a conscientização e a sensibilização, portanto, são visados todos os jovens, e não somente aqueles considerados como de alto risco.

Adultos: são fornecidas instruções básicas, no intuito de provocar e oportunizar uma reflexão ampla sobre as questões abordadas, bem como um maior comprometimento e atuação.



Medidas que visam a uma educação para a saúde

- Esta mediação precisa ser prematura e deve ser ofertada por meio de atividades agradáveis, inovadoras e didáticas.
- Ela deve estar inserida em um aspecto mais vasto da educação para a saúde, objetivando tornar interessantes as regras para uma vida saudável.
- Ela deve estar alicerçada nos pais e nos professores, conhecidos aqui como “educadores naturais”.

Prevenção secundária

São quaisquer atos com proposição a diminuir a prevalência de uma doença em uma população, reduzindo sua evolução e duração. Consiste em intervenções para evitar que um estado de dependência se estabeleça.



Público-alvo

Esta intervenção especializada é endereçada a qualquer indivíduo que já apresentou algum sinal de dificuldade, decorrente do consumo indevido de drogas.



Técnicas utilizadas

Compreensão do indivíduo no que diz respeito ao seu comportamento. Entendimento do significado das coisas que lhe acontecem e dos gestos que usa para determinadas situações. Oferta de conhecimento mais adequado com relação à questão da drogadição. Ressignificação de suas reações às diversas circunstâncias.

Prevenção terciária

São ações destinadas a diminuir ao mínimo as deficiências funcionais consecutivas à doença. O propósito é diminuir as sequelas de um uso já contínuo e intenso de drogas, sendo, em sua maioria, estratégias voltadas para a reabilitação e a reinserção social do indivíduo.



Público-alvo

Este tipo de prevenção é aplicada a todas as pessoas que já possuem a doença da dependência química. Nesta etapa, busca-se estimular os dependentes a procurar motivação para a recuperação.



Etapas

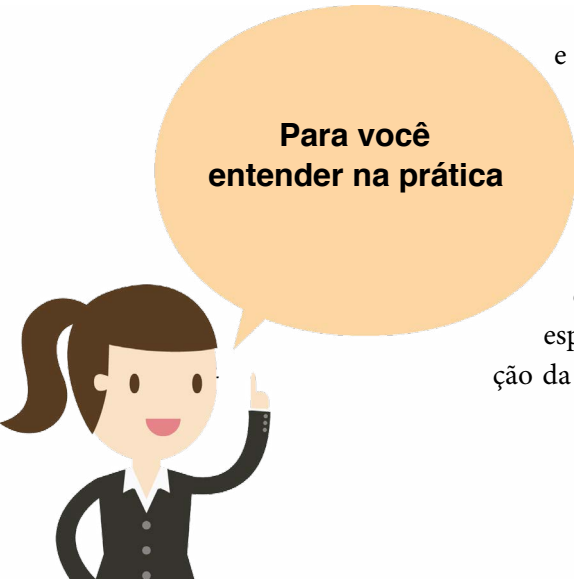
Valendo-se do fato que o abuso de substâncias tóxicas já está estabelecido, busca-se realizar ações de reabilitação. Sendo assim, a prevenção terciária atua antes, durante e depois do tratamento.

- **Antes** do tratamento, a intervenção tem a intenção de auxiliar o sujeito a formular uma solicitação de amparo e se engajar em uma relação terapêutica efetiva.
- **Durante** o tratamento, auxilia para que o processo terapêutico não seja interrompido, evitando que a situação se transforme em um drama, porém sem minimizá-la.
- **Depois** do tratamento, visa a uma ação integrada com instituições voltadas para a reinserção socioeconômica.

Níveis de Prevenção

Existem ainda outras classificações que abordam os níveis de prevenção. Com conceitos formulados para complementar os tipos citados anteriormente, esta classificação é baseada no risco de exposição às drogas.

Conceito	Onde aplicar?
Prevenção universal: são intervenções dirigidas ao público geral, a princípio, sem qualquer associação aos fatores de risco.	Em ambiente escolar e/ou educacional, nos meios de comunicação, nas redes sociais e nas comunidades.
Prevenção seletiva: são mediações destinadas para populações com associações de um ou mais fatores de risco para a utilização de drogas.	Em grupos específicos: parentes de dependentes químicos, jovens que moram em locais com alta criminalidade, grupos que estão inseridos em localidades onde o tráfico de drogas ocorre etc.
Prevenção indicada: são programas voltados para indivíduos identificados como usuários de drogas ou com comportamentos de risco associados ao uso de substâncias tóxicas.	Em ações que tenham como objetivo melhorar a saúde e a qualidade de vida das pessoas, facilitando a reinserção socioeconômica. Bem como em intervenções que visem à diminuição do uso e abuso de álcool e outras drogas.



Para você entender na prática

Um projeto executado em determinado colégio e direcionado a todos os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, sem haver a separação deles por quantidade de fatores de risco aos quais estão expostos, chama-se **programa universal**.

Este mesmo programa pode ser **primário** para os alunos que jamais fizeram uso de drogas; e **secundário** para os que fizeram uso esporádico. Desta forma, o mesmo projeto atua nação da iniciação do uso de entorpecentes por aqueles

que ainda não experimentaram e diminui o consumo entre os que já utilizam.

Já uma ação de prevenção idealizada em uma instituição sem fins lucrativos e destinada a acolher familiares de dependentes químicos é caracterizada como uma **prevenção seletiva**. Esta ação poderá ser classificada como **primária**, **secundária** ou terciária conforme a situação de consumo em que estes indivíduos se encontram.

Para conhecimento:

Recentemente está sendo elaborada outra abordagem em prevenção, chamada **prevenção ambiental**, que busca a alteração das normas sociais por meio de estratégias globais, intervindo no nível da sociedade e dos sistemas sociais. Essas metodologias preconizam a modificação dos espaços sociais, culturais, econômicos e físicos que interferem nas escolhas individuais sobre a questão do uso de entorpecentes.

Neste contexto, estão inseridas medidas legislativas nacionais e internacionais relativas ao consumo e à venda de substâncias ilícitas e lícitas. Para exemplificar, temos a discussão sobre a taxaçoão fiscal de produtos como o álcool e o tabaco, o controle da idade para sua compra e a exposição a mensagens publicitárias.

O uso de drogas: fatores de risco e proteção

Inúmeros fatores podem levar ao uso de álcool e outras drogas. É importante saber que ninguém nasce fadado a utilizar drogas lícitas ou ilícitas, nem mesmo está predestinado a usar porque seu círculo de amizades o faz.

O caso é que as pessoas, em sua complexidade, buscam suplementos para aliviar dores e acirrar prazeres, nesse ponto é que as drogas podem aparecer. E, veja bem, aqui está dito que podem, isso não é uma certeza!

Determinadas vezes apenas há a experimentação, em outras, usa-se sem haver comprometimentos; e em outras, ainda, há o abuso.

Neste contexto, existem os **fatores de risco**, em que o indivíduo é mais suscetível a ter uma conduta que o leva a usar drogas abusivamente. Mas, em contrapartida, existem os **fatores de proteção**, em que, mesmo em contato com substâncias psicotrópicas, o indivíduo possui condições de dizer não ao uso.

Podem estar dentre os fatores de risco e de proteção:

- a cadeia genética;
- os aspectos biológicos;
- as particularidades das relações entre as pessoas;
- as interações familiares;
- as sensações provocadas pelo efeito obtido com o uso de drogas;
- as oportunidades de contato ou convivência com as drogas.

Existem ainda as questões do usuário e as realidades que o rodeiam:

1. Fatores do próprio indivíduo

PROTEÇÃO	RISCO
Cooperação	Insegurança
Habilidades sociais	Curiosidade
Autoestima desenvolvida	Procura por prazer
Relações interpessoais positivas	Sintomas de depressão
Aptidão para resolver problemas	Falta de satisfação com a vida

2. Fatores familiares

PROTEÇÃO	RISCO
Envolvimento afetivo	Familiares que abusam de drogas
Familiares envolvidos nas atividades	Círculo familiar autoritário
Estabelecimento de condutas claras	Famílias que têm uma cultura de adicção
Respeito às opiniões dos familiares	Familiares que sofrem de transtornos mentais

3. Fatores sociais

PROTEÇÃO	RISCO
Respeito às leis sociais	Violência
Clima comunitário afetivo	Falta de crença nas instituições
Oferta de atendimento na rede	Falta de acesso a lazer e renda
Dados adequados sobre as drogas	Poucos recursos para prevenção
Oportunidade de lazer e renda	Falta de satisfação com a vida

Grupos Específicos

Há necessidade de avaliar também os **grupos específicos** e seus **fatores de risco e proteção** ao uso de drogas:

- ▶ a probabilidade de um adolescente abusar de drogas engloba o balanço entre a quantidade e os tipos de fatores de risco e de fatores de proteção;
- ▶ entre as mulheres, as questões socioculturais influenciam o consumo de drogas. Por exemplo, a pressão social para manter um corpo perfeito é muito grande, por este fato observa-se um elevado consumo de drogas associadas com controle de peso, como anfetaminas, nicotina, cocaína e outros estimulantes;
- ▶ já com os idosos, o abuso de substâncias, em especial medicamentos para tratamento de depressão, ansiedade e outras doenças, é o mais comum, não sendo raro o consumo de drogas ilícitas. É valioso lembrar que, em razão das alterações físicas que acontecem nesse período da vida, os efeitos do álcool e das outras drogas são diferentes, podendo ocasionar diversos problemas, mesmo que utilizados em pequenas doses;
- ▶ os problemas relativos à perda da identidade cultural, extrema pobreza, migração forçada e diminuição de autonomia, aos quais os povos indígenas foram submetidos, desencadearam uma série de problemas, entre eles o consumo excessivo de álcool e drogas ilícitas.

CAPÍTULO 2

Prevenção ao uso de drogas e redes sociais



Prevenção ao uso de drogas

Para a maioria dos Municípios, independente de porte populacional e arrecadação financeira, a prevenção, seja ela em qualquer campo, é a ação mais inteligente e possível de se desenvolver em relação às questões sociais.

A prevenção pode ser um conjunto de ações e medidas que têm como objetivo minimizar um mal, evitar um dano. Trata-se de nos anteciparmos a alguma situação, e, para os profissionais que atuam com questões sociais, as ações de prevenção devem reforçar os fatores de proteção, vistos no capítulo anterior, para reduzir os fatores de risco.

E, há tempos, o tema prevenção ao uso de drogas, lícitas e ilícitas, era tratado de forma simplificada, por meio de panfletos e textos que apresentavam apenas os malefícios da droga, suas consequências no organismo e na vida social. No entanto, os tempos mudaram e, hoje, podemos ir além, podemos trabalhar com casos reais, com projetos sociais e ações baseadas na realidade.

A prevenção ao uso de drogas tem como um de seus objetivos ajudar as pessoas, principalmente os jovens, por se tratar de uma faixa etária considerada de risco, mas claro que ela pode e deve alcançar qualquer público, a fim de evitar ou retardar o início do uso de drogas, para que não se tornem dependentes.

O trabalho de prevenção ao uso de drogas vem passando por processos de evolução de um modelo, cujas ações e diretrizes, anteriormente centradas no tra-

tamento e na internação (um problema médico), intervencionista e repressor (um problema jurídico), para uma abordagem focada na educação e na saúde, com valorização da vida e participação da família.

Mas como podemos ir além com a prevenção? Podemos pensar nela como uma oportunidade de um desenvolvimento humano e social seguros e saudáveis, em que as pessoas possam ter a oportunidade de fortalecer seus talentos e contribuir para o crescimento de suas comunidades e suas relações sociais



Uma rede de prevenção do uso de drogas fortalecida pode contribuir significativamente para que crianças, jovens e adultos participem de forma positiva nas atividades familiares, escolares, comunitárias e no ambiente de trabalho.

Pesquisas apontam a necessidade de observarmos os fatores de risco que nos tornam vulneráveis ao uso de drogas, tais como: processos biológicos, traços de personalidade, transtornos mentais, negligência e abuso na família, falta de vínculo com a escola e com a comunidade, normas sociais propícias e ambientes favoráveis ao uso abusivo de substância e crescimento dentro de comunidades marginalizadas e carentes.

Isso para que possamos pensar em estratégias de fortalecimento dos nossos vínculos afetivos, como o bem-estar psicológico pessoal e emocional, nossas habilidades sociais e pessoais, uma boa relação com pais, escolas e comunidades protetoras, que têm suas políticas públicas voltadas à erradicação e/ou à diminuição das vulnerabilidades sociais.



Políticas sociais bem consolidadas têm como matriz de suas ações a prevenção. Como exemplo pode-se citar nosso Sistema Único de Saúde (Sus) e o Sistema Único de Assistência Social (Suas); ambos priorizam o trabalho em rede, e suas ações não se esgotam em si mesmas, o que

reforça a importância do trabalho conjunto.

Dessa forma, a prevenção pode ser trabalhada por várias instituições como: Conselho Tutelar, escolas, igrejas, ONGs, associações de bairros, secretarias municipais. Isso nos aproxima da realidade dos 13 Municípios integrantes do Reinsserir.

Sabemos que, com baixo recurso e equipe reduzida, os Municípios têm dificuldades para executar a prevenção, o tratamento e a reinserção social. Porém, dentre as 3 etapas mínimas, a mais viável é a prevenção, mas são muitas as nuances a se observar quando vamos planejar uma atividade, vejamos:

- Qual o objetivo da sua ação?
- Que públicos ela vai atender?
- A atividade contempla as questões de gênero e ciclos de vida?
- O local da ação atende ao público que mais necessita (em situação de vulnerabilidade risco social)?
- Sua ação está documentada e possui cronograma?
- Prevê monitoramento e avaliação?
- Tem apoio e realiza ações com outros setores?

Perguntas como estas podem nos auxiliar e orientar no processo de planejamento das ações, e podem garantir mais sucesso, principalmente se realizadas com outros setores, em razão do pouco recurso financeiro.

É importante pensarmos também na eficácia e na efetividade das ações, isso em qualquer ação e em qualquer política pública:

O conceito de eficácia está relacionado a qualidade, meta e tempo; é a relação entre resultados pretendidos e resultados obtidos em determinado período de tempo, sem levar em conta os custos.

Já a efetividade diz respeito ao resultado concreto, ou às ações que fizeram acontecer esse resultado concreto (fins – objetivo e metas desejadas); é a relação entre os resultados e o objetivo.

Assim, a gestão eficiente e eficaz está relacionada à capacidade administrativa e de produzir o máximo de resultados com o mínimo de recursos, energia e tempo, exigindo, dessa forma, o planejamento e o gerenciamento dos recursos humanos, dos materiais e dos recursos financeiros e de forma efetiva. Por isso a necessidade de trabalharmos em rede, com parcerias e focando em casos de sucesso. Fortalecendo nossas redes sociais!

Redes Sociais

Para tratar os efeitos e as consequências de qualquer problema social, o trabalho em rede surge como uma estratégia necessária, principalmente pela própria natureza dos problemas sociais, no caso em questão, a dependência química, que é multifatorial, diverso e complexo e requer a utilização das redes sociais em seu enfrentamento.



É pensando na ideia de construção coletiva que abordamos o conceito de rede, e assim podemos compreendê-la a partir do vínculo que temos com as pessoas, e também com instituições. E essa relação social é caracterizada pela troca e interdependência, ou seja, reciprocidade, auxílio mútuo e finalidade, uma vez que, ao interagirem entre si, modificam-se e são transformadas. Essa é a ideia necessária para realizar transformações sociais eficazes.

Então, rede está associada à ideia de conectividade! As redes sociais têm uma forte influência na vida das pessoas e na dinâmica das instituições, e é essa influência que os profissionais devem aproveitar para traçar suas estratégias de intervenção.

As pessoas estabelecem vários tipos de relações, conseqüentemente, vários tipos e possibilidades de redes: sociais pessoais, com os amigos e familiares. Redes de categorias profissionais, como grupos de educadores ou de pesquisadores. Redes de instituições como escolas, unidades básicas de saúde, centros de referência de assistência social, conselhos tutelares. Há infinitas possibilidades de vinculação, cada qual com uma identidade, ou seja, algo que a define, que diz que rede é aquela.

Uma rede social fortalecida é aquela em que a interação entre os integrantes é intensa e cada um tem clareza do seu papel e do que pode contribuir para alcançar uma meta comum. Uma rede frágil possui pouca participação e troca, maior isolamento e distanciamento entre as pessoas.

Um dos objetivos deste material é estimular os profissionais a desenvolverem projetos de intervenção, ou aperfeiçoarem e fortalecerem os projetos já em curso no tocante ao uso de drogas, em especial às ações de prevenção. Nesse sentido, vamos falar um pouco mais sobre fatores de risco e de proteção que afetam os usuários em suas redes sociais (domínios), onde intervenções profissionais podem ser realizadas.

Os fatores de risco podem influenciar o uso de drogas de várias formas, e quanto maior o número de riscos a que uma pessoa é exposta, maiores são as chances de elas fazerem uso de drogas. É preciso ter em mente que alguns riscos podem ter mais força que outros em decorrência da fase da vida em que o indivíduo está ou o espaço que ele ocupa. Sendo assim, um dos principais objetivos das ações de prevenção deve ser fortalecer os fatores de proteção.

Todas as redes sociais podem funcionar como fatores de risco e de proteção para o uso de drogas; por isso, a melhor estratégia de prevenção é conhecer e reconhecer as redes sociais dos usuários, e estimular as que são positivas, ou seja, potencializar aquelas que dão aos usuários a sensação de acolhimento.

Vamos fazer um recorte para pensarmos o uso de drogas na adolescência, faixa considerada por muitos estudiosos como a de maior risco.

O uso de drogas na adolescência: fatores de risco e proteção

Alguns estudos apontam que em nosso país o uso de drogas se inicia em média aos 12 anos de idade para o álcool e um pouco mais tarde para outras substâncias; esse uso precoce inclui substâncias como tabaco, inalantes, maconha e medicamentos prescritos.

Os períodos de maior risco e suscetibilidade ao uso de drogas são os períodos de transição da vida, vejamos: para as crianças é quando elas deixam a família e entram na escola, mais tarde quando entram no ensino médio, onde surgem novas experiências sociais, aumenta-se o grupo de colegas, o início da adolescência.

Quando entram no ensino médio, os adolescentes vivenciam novos desafios sociais, acadêmicos e emocionais e podem estar mais expostos à disponibilidade de drogas, já quando jovens adultos vivenciam outras transições significativas em suas vidas.

Sinais precoces de risco que podem indicar o uso de drogas no futuro:

É necessário pensar que muitos riscos podem ser identificados ainda na infância, como comportamento agressivo, falta de autocontrole e até um temperamento difícil e, por vezes, algumas interações familiares potencializam os riscos de uma criança fazer uso de drogas mais tarde, como por exemplo:

- falta de apego e carinho pelos pais ou cuidadores;
- abuso de drogas pelos pais ou cuidadores;
- paternagem ineficaz;
- conflitos familiares.

Mas, para evitar esses riscos, as famílias podem oferecer proteção por meio de:

- fortalecimento dos vínculos com os filhos;
- participação ativa na vida das crianças;
- instituição de limites e disciplina;
- realização de atividades conjuntas;
- fortalecimento do diálogo.

Somos seres notadamente sociáveis e participamos de espaços sociais por meio de nossas redes. Sendo assim, vamos visualizar um quadro que aponta os fatores de risco, as redes sociais e os fatores de proteção que podem ser trabalhados na adolescência.

Fatores de Risco	Rede Social	Fatores de Proteção
Comportamento agressivo precoce	Individual	Autocontrole
Ausência dos pais	Família	Monitoramento dos pais
Uso de drogas	Amigos	Responsabilidade acadêmica
Disponibilidade de drogas	Escola	Ações de prevenção ao uso de drogas
Vulnerabilidade social	Comunidade	Vínculos comunitários

Outro fator a se observar é que interações fora do âmbito familiar podem gerar

riscos para as crianças e adolescentes, tais como:

- interação com amigos que fazem uso de drogas;
- baixo desempenho escolar;
- questões de gênero e raça;
- localização geográfica, zonas com fácil acesso a drogas.

É simples perceber a variedade de redes sociais a que os adolescentes podem pertencer ou participar; por isso, é necessário trabalharmos em rede, em parceria com as instituições sociais que atuam nos Municípios e, sobretudo, envolver a comunidade.

Desse modo, propomos a prevenção ao uso de drogas por meio da participação da comunidade, pensando a possibilidade de intervenções concretas.

A comunidade na prevenção ao uso de drogas

O primeiro passo para a realização de intervenções/ações de prevenção ao uso de drogas em qualquer espaço é a avaliação do cenário, ou seja, identificar as drogas que circulam na comunidade, os fatores de riscos, identificar vulnerabilidades sociais, possíveis usuários e principalmente a rede de serviços, tanto pública quanto privada, que possa trabalhar essa demanda e, sem dúvida, identificar suas potencialidades.

Por se tratar de uma questão social, onde sua natureza tende a atingir e envolver direta e indiretamente atores ligados aos usuários de drogas, a dependência química precisa ser pensada de forma ampla; por essa razão a necessidade de, para além da rede de atenção ao dependente químico, pensarmos na participação social, o papel da comunidade e também da família frente a essa questão.

A participação social está para além das formalidades ou mecanismos institucionais; logo, devemos estimulá-la, visando ao bom funcionamento de qualquer rede, no nosso caso, a rede de prevenção ao uso de drogas. É preciso internalizar a importância da participação da comunidade na resolução de seus problemas.



O poder público é fundamental no atendimento às questões sociais, mas o dinamismo das relações e a própria história nos mostra que outras estratégias, não governamentais, podem ser fundamentais para minimizar as consequências do uso de drogas e o fortalecimento dos vínculos comunitários.

Nesse sentido, chamamos a atenção para a existência de grupos de ajuda mútua, como Alcoólicos Anônimos (AA), Narcóticos Anônimos e Amor exigente, exemplos comuns de participação social e trabalho comunitário.

O trabalho comunitário é aquele que envolve a população de determinada comunidade para a solução dos seus problemas em comum, bem como a busca de melhoria da qualidade de vida da população envolvida.

A participação social por meio do trabalho comunitário deve estimular as capacidades locais, e não as deficiências.

A questão das drogas perpassa por toda a sociedade, logo, o estímulo à participação social é indispensável, tanto para a ampliação da rede de atenção ao dependente químico quanto para o seu fortalecimento, ou seja, é a construção de laços entre as pessoas.

Para reforçar a nossa ideia, vamos observar as diretrizes da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), que deixa claro que, para que a rede funcione bem, seus serviços precisam ter base comunitária, territorial, participação e controle social por parte de seus usuários e familiares.

Então, por rede de base comunitária entende-se aquela em que os serviços se adequam à comunidade atendida, e a ação territorial pressupõe a interação entre a rede e a comunidade, assim, relações e lugares podem ser transformados. Tudo diz respeito às relações sociais e suas intervenções. Por isso, o debate sobre a demanda e a oferta dentro da comunidade e sua rede é fundamental.

Para que haja sucesso na construção de uma rede de base comunitária, é importante observar alguns princípios:

▫ **Relação horizontal com a comunidade onde se vive ou se está intervindo**, isso significa dizer que as intervenções institucionais devem prezar pela humildade, afinal, ninguém sabe melhor sobre seus próprios problemas do que quem os vivencia.

Respeito é fundamental.

▫ **Trabalhar com ações de curto e longo prazo**, fato que transformação social é processual, mas, em um trabalho de base comunitária, que tem objetivos a longo prazo, é fundamental o fortalecimento da conexão entre os pares, isso traz unidade ao trabalho, então é importante pensarmos em ações que também deem resultados rápidos.

“O caminho faz-se caminhando” (Antonio Machado)

O incentivo à participação da comunidade, vamos falar sobre entraves, por vezes, a baixa participação social se deve a situações de disputa de ego e à necessidade de autoafirmação, onde quem sofre a intervenção pode se sentir inferior e até humilhado, e, para piorar a situação, alguns profissionais veem a ausência de participação social como uma espécie de acomodação. Voltamos à necessidade de humildade para dialogar com quem quer se seja, afinal não somos melhores que ninguém.

Troca de papéis e compartilhamento de habilidades e saberes, uma ideia simples e possível de se praticar. Não é assertivo que uma pessoa seja eternizada em uma mesma função, o rodízio (quando for possível) é fundamental para a consolidação do grupo e o fim da sensação de humilhação ou incapacidade, trocar de tarefas! Não é interessante que uma mesma pessoa palestre eternamente sobre o mesmo assunto, e um outro colega arrume as cadeiras e sirva o lanche sempre, sendo que ambos podem ter a mesma capacidade desenvolvida, mesmo que o dom da oratória esteja em quem palestra, o empoderamento é necessário.

O incentivo à autonomia da comunidade. Autonomia significa capacidade de autogestão, claro que em se tratando do uso de drogas não quer dizer que uma comunidade possa extinguir seu uso, nesse caso, autonomia significa aprender que mecanismos uma rede de atenção aciona em determinada situação, por exemplo.

Essa gama de informações tem como objetivo sensibilizar os profissionais a ampliarem seus parceiros no enfrentamento às questões sociais, e a comunidade pode ser seu maior e melhor aliado, pois pode tanto colaborar na execução de ações quanto com o diálogo com o poder público, onde pode apontar com total clareza suas demandas.

É interessante observar que, apesar das dúvidas, se a prevenção é ou não eficaz, já existem experiências comprovando que ela é necessária e que realmente funciona.

Também é importante salientar que o modelo de prevenção mais aceito e trabalhado hoje em dia é aquele baseado na promoção da saúde, ou seja, o modelo que prevê a redução de fatores de risco e o aumento dos fatores de proteção. Isso se dá por meio da capacitação profissional e do envolvimento da comunidade, para que elas mesmas modifiquem seus hábitos e estilos de vida, visando à qualidade, tudo o que apresentamos nos capítulos anteriores.



Como forma de ampliar as possibilidades de ação, vamos falar sobre como a escola pode contribuir com o fortalecimento da prevenção ao uso de drogas.

CAPÍTULO 3

Prevenção ao uso de drogas nas escolas



A escola é um dos maiores ambientes de socialização pelo qual passamos, e está presente em quase todos os ciclos de nossa vida. Logo, é importante percebê-la como um agente estratégico, uma rede social fundamental no enfrentamento das questões sociais, principalmente o uso de drogas.

Todavia, o empenho para a consolidação dessa ideia, por vezes, é a visão que o educador tem sobre a questão, onde pensa ser ou não função e responsabilidade da escola desenvolver programas que promovam a prevenção ao uso abusivo de álcool e outras drogas, o que paralisa a ação do educador.

Outro fator determinante é a ligação que o professor tem com os alunos, isso pode influenciar o nível de intervenção dele nas possíveis situações que apontem o uso de drogas.

Logo, a conclusão que o cenário apresenta é de que a implantação de projetos preventivos nas escolas é frágil por duas razões principais: a resistência dos docentes em acatar como objetivo da prevenção minimizar os efeitos prejudiciais da droga, imaginando a cultura do proibicionismo e/ou o conservadorismo relacionado ao uso de drogas. Outra razão está relacionada à primeira, em que qualquer fato não previsto no planejamento da ação torna-se motivo para que estes profissionais a interrompam.

Pelo exposto, verificamos haver dois desafios na implantação de projetos de prevenção ao uso de drogas na escola: um primeiro quanto à dúvida dos docentes, anteriormente citada, e o segundo quanto ao posicionamento e à disponibilidade do professor.

Mas precisamos superar esses desafios e pensarmos nas possibilidades de intervenção. Nesse sentido, vejamos:

Programas de prevenção podem ser realizados já na pré-escola, em que os professores podem observar alguns fatores de risco, tais como: comportamento agressivo, pouca sociabilidade e dificuldade de realização das tarefas, e, assim, acionar a rede de proteção à criança, como Conselho Tutelar, aconselhamento pedagógico, etc.

Para a etapa seguinte, onde os fatores de risco identificados podem ser:

- agressão precoce;
- baixo rendimento escolar;
- evasão escolar.

Sugere-se fortalecer as seguintes habilidades:

- autocontrole;
- consciência emocional;
- comunicação;
- resolução de problemas sociais;
- incentivo à leitura;
- apoio acadêmico.



No ensino fundamental e médio, onde um novo ciclo de vida se inicia, e onde há maior interação social, sugere-se fortalecer as seguintes habilidades:

- o hábito de estudo com o apoio da escola, como a formação de grupos, realização de gincanas, seminários e olimpíadas;
- comunicação;
- relação saudável entre colegas;
- habilidade de resistência ao uso de drogas;
- reforço a atitudes positivas

É importante reforçar essas possibilidades, pois a escola é referência social pelo seu papel no processo de desenvolvimento da criança e do adolescente. Ela faz parte do projeto educativo da família, é a instituição que segue a família no reconhecimento da criança como ser capaz e em desenvolvimento. Esses aspectos dão a

dimensão da importância da escola como unidade de rede social.

A adolescência como ciclo de vida, que se caracteriza não só pelas mudanças físicas, biológicas e psicológicas, mas também pelos momentos de muitas descobertas e dúvidas, em razão de os jovens ficarem suscetíveis às influências de seus colegas, pois geralmente neste momento da vida os amigos têm papel de maior relevância que os pais e professores.

Consideramos que um projeto de prevenção ao uso de drogas possa ser pautado no envolvimento do adolescente como protagonista e sujeito de sua própria história, participando de atividades culturais, esportivas e de lazer, práticas desenvolvidas com a finalidade principal de levá-lo a se conhecer.

Neste sentido, o diálogo é relevante por possibilitar ao educador a aproximação do aluno para conhecê-lo em seus dilemas e inquietudes, o que gera condições para apontar-lhe opções de vida nas quais o consumo abusivo de álcool ou outras drogas não faça parte.

Podemos ter uma escola sem drogas?

Mesmo sendo uma utopia idealizar uma escola sem drogas, uma vez que faz parte de uma sociedade com drogas, entendemos que é possível uma escola que não exclua aquele adolescente que, por ventura, já esteja envolvido com drogas.

Por outro lado, se a escola não pode eliminar os tantos fatores de risco já citados, alheios a sua função ou alcance, ela pode e deve reforçar os fatores de proteção, pois tem muita oportunidade de influência sobre os estudantes, na medida em que estes vivem uma boa parte de seu dia na escola e em contato com os educadores.

Precisamos, então, valorizar e fortalecer a escola para que ela se sinta apoiada. Nesta via, é válido o esforço da escola em resgatar o potencial de sua rede social de apoio.

Ademais, na instituição escolar, a prevenção pode e deve ser realizada por meio de atividades integradas ao conteúdo das disciplinas e às práticas escolares cotidianas. É necessário fortalecer a escola como integrante da rede de atenção à criança

e ao adolescente, bem como rede de enfrentamento ao uso de drogas. E a principal característica da rede é a participação de todos para a concretização de um projeto comum, no caso a prevenção do uso indevido de drogas.

A metodologia do trabalho em rede, reforçado constantemente pelo projeto Reinsere, permite que a comunidade fortaleça a escola – ou outra instituição que dela precise – para que ela possa intensificar os vínculos que estabelece com seus alunos.

O estabelecimento de parcerias entre a escola e as famílias, por exemplo, pode permitir o fortalecimento e o aprofundamento do diálogo entre pais e professores no enfrentamento de problemas que, por vezes, não conseguem resolver sozinhos. No caso, os problemas relacionados ao uso indevido de drogas pelos adolescentes são um bom exemplo da necessidade da parceria entre a escola e as famílias, bem como com outros segmentos comunitários ou institucionais.

Recorrentemente sugerimos o desenvolvimento de ações conjuntas, a exemplo de palestras nas escolas sendo ministradas por conselheiros tutelares, em que possam apresentar para a comunidade escolar informações a respeito de seu papel dentro da rede proteção à criança e ao adolescente.

CONCLUSÃO



Muito vem sendo implementado nos últimos tempos para que as pessoas se previnam contra o uso de drogas. Entretanto, a oferta continua grande, o que resulta no aumento de usuários a cada ano que passa.

O uso e o abuso de substâncias ilícitas significam, em primeira instância, buscar prazer. É bastante complexo e difícil lutar contra o prazer, pois é ele que vem normando o comportamento dos seres vivos. Isso é conhecido na evolução das espécies, tanto para a perpetuação de sua linhagem quanto para a autopreservação.

Como sabemos, as drogas provocam um tipo de prazer que é ilusório para o organismo, que então passa a querer cada vez mais e em maior quantidade, como se fosse algo bom. Contudo, essa sensação prazerosa causada não é somente boa, pois carrega consigo inúmeras consequências para a sobrevivência. Todo usuário e seu círculo familiar têm arcado com os resultados nocivos decorrentes desse tipo de busca de prazer.

É nesse ponto que a prevenção precisa entrar: para mostrar a diferença que há entre o que é gostoso e o que é bom.

Elaborar atividades com foco neste tipo de ação é preservar o direito ao cuidado e à saúde. Todas as propostas devem permitir que o indivíduo desenvolva habilidades para manter uma postura rígida em relação ao consumo de drogas, não se intimidando e expressando sua vontade de maneira assertiva. Nesse cenário, os trabalhos devem considerar diferentes instâncias da vida do sujeito e seus diferentes domínios.

Os limites são ampliados quando conseguimos identificar na prática as possibilidades reais que a prevenção promove. Com este material, a equipe do Projeto Reinsere teve o intuito de empoderar participantes diretos e indiretos do Projeto sobre a tônica da prevenção.

Sabemos que este documento representa apenas uma parcela das estratégias no tocante ao tema, mas entendemos que pode contribuir para a disseminação de informações relevantes aos treze Municípios que integram com afinco as atividades construídas em conjunto.

Como consideração final, entendemos que a educação preventiva não é apenas uma questão de atuar em ações pontuais e emergenciais, mas sim treinar o indivíduo para a vida; é dotar a comunidade de conhecimentos que permitam atitudes sadias e livres de preconceitos.

BIBLIOGRAFIA



ARTHUR, M.W; HAWKINS, J. D; POLLARD, J.A; CATALANO, R. E & BAGLIONI, Jr. Measuring risk and protective factors for substance use, delinquency, and other adolescent problem behaviors. *Evaluation Review*, v. 26, n. 6, p. 575-601, 1999.

CASSIMIRO, R.M.A. *A importância da prevenção na luta contra as drogas*. 2009. 49 f. Monografia apresentada a Academia Nacional de Polícia para a obtenção do título de Especialista em Execução de Políticas de Segurança Pública.

NERY FILHO, A. Por que os humanos usam drogas? In: *Módulo para capacitação dos profissionais do projeto Consultório de Rua*. NERY FILHO, A. e VALERIO, A. R. L. (orgs.). Brasília: Senad; Salvador: Cetad, p. 11-16, 2010.

PATTON, L. H. Adolescent substance abuse. Risk factors and protective factors. *Pediatric Clinics of North America*, v. 42, n. 2, p. 283-293, 1995.

SCHENKER M & MINAYO M.C.S. A implicação da família no uso abusivo de drogas: uma revisão crítica. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 8, n. 1, p. 299-306, 2003.

ZAMPRONIO, A.V. *Prevenção ao uso de drogas: uma ação educativa*. O caso de Jataizinho – PR. Disponível em: <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/1134/1/CT_GPM_I_2011_09.PDF>. Acesso em: 6 jun. 2016.

SUDBRACK, M.F.O; JACOBINA, O.M.P; FORTUNATO, L. Redes sociais como estratégia de prevenção do uso indevido de drogas no contexto da escola. Disponível em: < http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MS-C0000000082005000200084&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 jul.2016.

Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime. *Normas internacionais de prevenção*. Disponível em: <https://www.unodc.org/documents/lpobrazil/noticias/2013/09/UNODC_Normas_Internacionais_PREVENCAO_portugues.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2016.

SANTOS, J.B. *Redes sociais e fatores de risco e de proteção para o envolvimento com drogas na adolescência: avaliação e abordagem no contexto da escola*. 2006. n° folhas. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Departamento de Psicologia Clínica, Universidade de Brasília. Disponível em: <<http://www.bce.unb/tedesimplificado/tde-busca/arquivo.php?cod.arquivo=2498>>. Acesso em: 3 ago. 2016.

Martins, M.C. C. *Uso da metodologia de redes sociais na prevenção do consumo de drogas na escola*. Disponível em: <<http://conselheiros6.nute.ufsc.br/ebook/medias/pdf/Uso%20da%20metodologia%20de%20redes%20sociais%20na%20preven%C3%A7%C3%A3o%20do%20uso%20de%20drogas%20na%20escola.compressed.pdf>>. Acesso em: 3 ago. 2016.



REINSERIR

**PROJETO DE INTEGRAÇÃO LOCAL
PARA REINserÇÃO SOCIAL DO USUÁRIO DE DROGAS**



Projeto financiado
pela União Europeia



Projeto executado
pela CNM